

HISTÓRIAS ANTIRRACISTAS, NEGRO MURO - ETAPA PARATY

Bruna Barroso Nogueira 1, Giovanna Ribeiro Macrini Reis 2, Henrique Barbosa Tavares Filho 3, Giovanni Codeça da Silva 4

Universidade Veiga de Almeda (UVA)

Compartilhando Saberes

Grupo de Pesquisa Ancestralizando à Educação (AaE)

brunabnog@gmail.com

codecasilva@gmail.com

Grupo Temático: Educação

Resumo O projeto de extensão “Histórias Antirracistas a partir do Negro Muro”, desenvolvido pela Universidade Veiga de Almeida, alcança seu quarto ano como prática que se refaz no chão das escolas e na escuta das comunidades. A experiência aqui narrada parte da FLIP/FLIPEI, desdobrando-se no convite para atuação em unidades escolares de Paraty. Em diálogo com o pensamento de Milton Santos, o território deixa de ser moldura e se apresenta como matéria viva, atravessada por disputas, memórias e desigualdades que tensionam o fazer educativo. Ao mesmo tempo, a escrita de Bell Hooks orienta a construção de uma pedagogia implicada, na qual ensinar exige presença, escuta e compromisso com a transformação. Assim, as ações foram sendo adaptadas conforme as idades e contextos, da educação infantil ao ensino médio, sem abrir mão de uma abordagem que reconhece o racismo como estrutura e convoca à sua ruptura. Os registros produzidos pelos estudantes evidenciaram um campo sensível e doloroso, onde a violência contra mulheres atravessa o cotidiano e marca a formação subjetiva desde cedo. Desenhos das crianças, textos dos mais velhos e relatos orais dos jovens trouxeram à tona histórias de abuso e feminicídio, quase sempre envolvendo figuras próximas. Para compreender essa dimensão da dor inscrita na experiência, a leitura de Conceição Evaristo se torna incontornável, ao afirmar a escrevivência como gesto que transforma memória em denúncia e existência. Já Lélia Gonzalez contribui para pensar como essas violências se articulam a estruturas raciais e de gênero profundamente enraizadas na sociedade brasileira. A sistematização desse material, com sua cartografia dos territórios, foi apresentada à Secretaria de Educação como devolutiva, evidenciando não apenas os dados, mas a urgência de ações concretas. Para os extensionistas, a experiência deslocou certezas, instaurando um aprendizado que não se encerra na universidade, mas se prolonga na responsabilidade diante do mundo vivido.

Palavras-chave: Feminicídio; Escrevivências; Exclusão